



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 14/2008

Presidente do ISB

Contatos: secretaria@isb.org.br

A AMAZÔNIA

Claro que a escolha do tema tem a ver com a saída de Marina Silva do ministério. Foi um choque para todos, imagino o quanto atingiu o próprio Presidente, Marina é um dos símbolos sagrados do PT, daquele PT originário que Lula não pode esquecer.

A Amazônia Brasileira é mais de metade do nosso território e a sua posse pelo Brasil não foi historicamente contestada. Apesar de situar-se em sua maior parte, muito maior, no hemisfério espanhol do Tratado de Tordesilhas, e de ter sido visitada e escrutada pela primeira vez pelo espanhol Orellana ainda na primeira metade do se. XVI, a nossa Amazônia ficou efetivamente portuguesa e brasileira a partir da viagem de Pedro Teixeira, 100 anos depois de Orellana. E não foi contestada, e foi definitivamente reconhecida como tal mais cem anos depois, com o Tratado de Madrid em 1750. O único episódio realmente conflituoso de posse de território na Amazônia aconteceu com a invasão dos seringais bolivianos do Acre por brasileiros liderados pelo gaúcho Plácido de Castro, no alvorecer dos mil e novecentos. Não chegou a haver uma guerra, o grande Rio Branco negociou a compra do imenso território a um preço pelo qual os bolivianos de hoje reclamam muito. Outros episódios de fronteira foram menores. A Amazônia é realmente nossa, ninguém contesta.

Porém.

Sempre envolta em mistérios e lendas, como a das mulheres guerreiras, em contos de riquezas incalculáveis, a Amazônia foi percorrida com muito interesse por mais de vinte expedições científicas comandadas por europeus, desde a do francês La Condamine antes do Tratado de Madrid. Ficaram mais famosas as dos alemães Humboldt em 1799 e Spix e Martius 20 anos depois. Eram biólogos de renome e de valor; ajudaram muito a nós, brasileiros, pelos conhecimentos que levantaram e sistematizaram; não falaram muito de minérios, todavia mostraram ao mundo a imensidade daquela biodiversidade. Houve também expedições célebres e importantes de brasileiros, como a de Barbosa Rodrigues em 1870 e a de Euclides da Cunha em 1907. E de toda essa história resultou, ao lado do reconhecimento da posse brasileira, uma enorme cobiça internacional. Veja-se o N.Y. Times de domingo último.

A cobiça antiga, que foi crescendo ao longo dos séculos, ganhou um novo e forte argumento na segunda metade dos mil e novecentos. O argumento da preservação do próprio planeta: a Amazônia seria o pulmão do mundo, que estava sendo mutilado e destruído pela incompetência e pela irresponsabilidade dos brasileiros. Devia ser internacionalizada -- muitas vozes grandes, eminentes, o disseram. Mais uma vez, o New York Times de domingo.

Em resposta, o Brasil fez uma coisa realmente importante: criou, na Amazônia, aparelhou e treinou uma unidade militar de soldados da selva tão eficiente que nenhum outro exército do mundo teria condições de enfrentar e vencer. Essa é a nossa maior garantia.

Mas outras coisas também foram ou estão sendo feitas. A Vale e a Petrobrás, duas empresas estatais, avançaram bastante no conhecimento sobre o potencial mineral da região (ferro, alumínio, ouro, gás e muito mais), e a Vale, quando ainda era estatal, começou a exploração e construiu uma grande ferrovia para escoar o minério de Carajás que hoje é uma das principais fontes de riqueza do País. E o fez com o cuidado de evitar destruição da natureza em grandes proporções. O Pólo Industrial de Manaus é uma outra realidade impressionante em termos de renda e emprego, com todas as críticas de que possa ser alvo no seu artificialismo. E os investimentos em ciência e tecnologia voltados para a região começam a ganhar um vulto que, com toda certeza, resultará em um novo patamar de conhecimento dos recursos e do sistema ecológico daquele oceano verde.

A Lei Marina Silva, que pretende implantar a exploração florestal racional e controlada, através de concessões de áreas florestais a empresas ou particulares que as ganharem pela melhor proposta, pareceu a todos, no Congresso, um caminho seguro e promissor. Terá o mesmo empenho o sucessor em implementar o esquema que mal estava começando? Francamente, espero que sim, que dê continuidade à realização deste grande projeto feito com o maior cuidado por quem tem a sua vida completamente ligada à nossa Floresta. Que procure agilizar, também, a aprovação dos projetos hidrelétricos do Rio Madeira, porque eles são de extrema importância e conveniência, e o Brasil precisa que eles sejam executados com todo o respeito às exigências ambientais. Mas que não se esqueça de que será sucessor de Marina Silva e tem obrigação com a lei dela aprovada pelo Congresso.

Entretanto, o problema existe e é um dos maiores que nós temos agora de enfrentar: ocupar e explorar a nossa Amazônia, porque o vazio aumenta a cobiça e favorece o desmatamento, a destruição e até a perda daquele território. Mais meio século de inércia e desatenção e será muito provável a internacionalização do nosso santuário ecológico, como quer o N.Y. Times. Mas ocupar e explorar aquele mundo sem prejuízo da preservação ambiental, aí é que está, sem nenhum prejuízo da preservação esta é uma responsabilidade nossa, sim, para com a humanidade.

O perigo maior, sabemos todos, está na ganância. Até há pouco, eram só os madeireiros; agora surge com avidez, ao lado deles, o fantasma da soja, do agronegócio. Marina Silva tinha toda razão ao olhar com desassossego para esse líder empresarial da soja que já é governador do Mato Grosso e é recebido com afagos no Planalto. Mangabeira e Minc que tenham muita atenção, o poder econômico é forte e arrasador. E a idéia de criar uma guarda florestal para a região me parece um tanto despropositada, basta pensar no efetivo que seria minimamente necessário para policiar com eficiência aquele mundo. É preciso contar com as ONGs preservacionistas, sim, mas também desconfiar delas, já que muitas têm interesse em que não façamos nada, continuemos na inércia, que é o caminho seguro para a internacionalização.

Enfim, claro que o problema é muito complicado mas o momento de enfrentá-lo é agora, não podemos perdê-lo; e me parece que o balanço das tendências de Minc e Mangabeira é positivo, é uma escolha feliz: um puxa pela economia e o outro pela preservação; é dessa mistura cuidadosamente dosada que a Amazônia Brasileira está precisando. Mas, por favor, que não se esqueçam, ambos, de Marina Silva, a mais amazônica das brasileiras que apareceram em nossa História. E também uma das mais éticas, dedicadas, dignas, lutadoras, merecedora do aplauso e do reconhecimento da Pátria.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB